

Iberian Journal of the **History of Economic Thought**

ISSN-e 2386-5768

<http://dx.doi.org/10.5209/IJHE.56514>EDICIONES
COMPLUTENSE

CLASSE DE LETRAS - SESSÃO DE 21 DE JULHO DE 2011

Da economia política cristã à ciência social católica – elementos para uma história do pensamento económico católico (1832-1959)

António Almodovar¹

Received: 30/05/2017 / Accepted: 30/05/2017

Resumo. O pensamento económico católico está praticamente ausente das histórias do pensamento económico contemporâneas. Aqui se apresenta essa visão do conjunto que mostra que estes autores partilham uma orientação comum, e que, em última instância, pertencem a uma mesma escola —a católica— de pensamento económico.

Palabras clave: pensamento económico católico

Classificação JEL: B2, B3

[en] CLASS OF LETTERS - SESSION OF JULY 1, 2011

From Christian Political Economy to Catholic Social Science - Elements for a History of Catholic Economic Thought (1832-1959)

Abstract. Catholic economic thought is virtually absent from contemporary histories of economic thought. Here, a global vision is presented that shows that these authors share a common orientation, and that, ultimately, belong to the same school - the Catholic school - of economic thought.

Keywords: Catholic economic thought

JEL Classification: B2, B3

[es] CLASE DE LETRAS - SESIÓN DEL 1 DE JULIO DE 2011

De la economía política cristiana a la ciencia social católica - elementos para una historia del pensamiento económico católico (1832-1959)

Resumen. El pensamiento económico católico está prácticamente ausente de las historias contemporâneas del pensamiento económico. Aquí se presenta una visión global que muestra que estos autores comparten una orientación común y que, en última instancia, pertenecen a la misma escuela -la escuela católica- del pensamiento económico.

Palabras clave: pensamiento económico católico

Clasificación JEL: B2, B3

¹ University of Porto
orcid.org/0000-0002-0716-1005



1. Introdução: Apresentação do tema e das suas especificidades

O pensamento económico católico está praticamente ausente das histórias do pensamento económico contemporâneas². Nelas aparecem, quando muito, e nem sempre, algumas referências à segunda escolástica e à escola de Salamanca; para além disso, parece que nada mais existe que seja digno de menção³, que nenhuma outra escola de inspiração católica manifestou a sua presença no panorama das doutrinas económicas depois do século dezasseis. Claro está que esta ausência pode, *aparentemente*, ser suprida se abandonarmos o campo restrito da história do pensamento económico. O pensamento católico continua a ser objecto de muitos e variados estudos, alguns dos quais incluem referências a princípios e reflexões que têm incidência económica e social.

Basta pensar nos estudos sobre a Doutrina Social da Igreja, de que é justo destacar os trabalhos de Jean-Yves Calvez (1959, 1989,

1999), os livros de Mary Hobgood (1991) e de Albino Barrera (2001) ou a tese em economia defendida em 2003 por Bernard Laurent em Paris-1, Panthéon-Sorbonne. A estes estudos acrescem naturalmente aqueles outros em que historiadores como J.-B. Duroselle, Jean-Marie Mayeur, ou Paul Misner estudaram em profundidade o Catolicismo Social, bem como os que foram dedicados ao estudo das origens e evolução da Democracia Cristã — e que, como é o caso de Albert Kalaydjian e Hugues Portelli (1988), procuram inclusivamente dar conta da perspectiva da Democracia Cristã sobre a economia social de mercado. E há, finalmente, que referir a existência de alguns estudos sobre autores como Alban de Villeneuve-Bargemont (1911, 1935, 1993), Heinrich Pesch S.J. (1953), ou John Ryan (1952).

Sublinhei acima que estes estudos só *aparentemente* nos informam sobre o pensamento económico católico. Nas obras dedicadas à análise da doutrina social da igreja, por via de regra, nenhuma das obras dedicadas ao estudo do pensamento católico atribui à reflexão económica um lugar central na narrativa, vendo esse aspecto como acessório em relação a outros temas que são considerados como mais relevantes. Dir-se-á que tal problema não tem lugar nos estudos dedicados expressamente à análise do pensamento dos economistas católicos; e de facto, apesar de isso ainda acontecer em certos casos (vejam-se os estudos sobre Villeneuve-Bargemont), o problema

² Excepção feita a manuais como o de Pedro Soares Martinez (2010), temos que recuar aos inícios do século XX para encontrar uma ou outra referência à economia política cristã. Charles Gide e Charles Rist continuam a ser os autores que disponibilizam as referências mais substanciais a esta corrente de pensamento.

³ Os dois livros escritos por Anthony Waterman (1991 e 2004) salientam a conquista da autonomia da economia política em relação à religião (Anglicana). Segundo este autor, essa ruptura ter-se-á consumado nos inícios do século XIX.

principal destas obras é a sua preocupação em demonstrar o carácter *único* do pensamento do autor de que se ocupam. Veja-se o que diz Gearty (1953, p.312) sobre o ‘seu’ autor: “classificar o pensamento económico de John A. Ryan como pertencendo a uma escola seria uma violência, pois Ryan foi buscar inspiração a praticamente todos os sistemas de pensamento económico para criar o seu; para além disso, o seu sistema é único devido a algumas das suas características essenciais”⁴. Da mesma forma, Mulcahy (1952) considera que “no sentido filosófico de ‘católico’, Pesch pode ser considerado como o primeiro ‘católico’ a escrever um tratado completo de economia”⁵, pelo que “ao avaliar o trabalho de Pesch, é necessário ter presente que se trata de um pioneiro”⁶. Esta preocupação com a originalidade tem por consequência impedir que se consiga discernir a eventual existência de traços de continuidade entre autores, que se consiga perceber que estes autores partilham uma orientação comum, e que, em última instância, pertencem a uma mesma escola —a católica— de pensamento económico. Ora é precisamente essa visão do conjunto que pretendo apresentar aqui.

No título da minha comunicação estão identificadas as designações históricas características —economia política cristã, ciência social católica— dos extremos de um projecto iniciado na França dos anos 1830 e que foi continuado (seja na Europa seja na América) até meados do século passado. Naturalmente, não posso descrever este projecto nos seus detalhes. Apresentarei, portanto, as suas linhas gerais, mostrando:

i. como inicialmente se traduziu num esforço de construção e de um corpo teórico e doutrinal católico no campo da economia (1830-1870);

ii. como deu origem a um conjunto de Manuais e Tratados de economia para a formação dos quadros e militantes católicos (1870-1930),

iii. e, finalmente, como evoluiu no sentido de apresentar uma proposta de um sistema económico alternativo, quer ao liberalismo, quer ao socialismo (1931-1950) —evolução essa que, em certa medida, explica porque foi abandonado.

De forma a alcançar o desejável equilíbrio entre clareza e economia de escrita, irei então formular e responder a seis questões fundamentais sobre a economia política cristã:

1. O que foi;
2. Onde e quando surgiu;
3. Onde e como se desenvolveu;
4. Quais os seus grandes temas característicos;
5. Quais as suas polémicas e divisões internas;
6. Quando —isto é, como e porquê— foi abandonado enquanto projecto disciplinar.

2. O que foi originalmente a economia política cristã

Relativamente à primeira questão, economia política cristã foi a designação original de um projecto de reflexão levado a cabo por militantes *católicos*, relativamente especializados. Quero, com isto, dizer que se tratavam de militantes com conhecimentos de economia política, o que nem sempre era o caso dos restantes membros das instituições e dos movimentos católicos organizados em que estes autores se enquadravam. É precisamente nessa qualidade de peritos que, inicialmente, nos anos 1830, lhes foi dado um lugar de algum relevo —seja nas páginas de jornais como o *L’Avenir* e o *L’Université catholique*, seja na Universidade católica de Lovaina. Para estes primeiros economistas *cristãos*⁷, tratava-se de construir uma reflexão *crítica* da economia clássica inglesa, mas ainda assim *endógena* à ciência económica. Não se tratava, portanto, de negar a existência ou mesmo a importância desse ramo do saber, mas sim de tentar corrigir alguns princípios que lhes pareciam estar equivocados.

Os dois grandes objectivos que Charles de Coux (1832) e Alban de Villeneuve-Bargemont (1834) se propunham atingir eram (i) cristianizar a economia política; e (ii) integrá-

⁴ No original: “to classify the economic thought of John A. Ryan with that of any particular school of economists would be straining a point, for Ryan drew upon practically every other system of economic thought in developing his own; furthermore, his system is unique in some of its basic characteristics.”

⁵ No original: “in the philosophic sense of ‘Catholic’, Pesch may be called the first ‘Catholic’ to write a complete scientific economic treatise” (p.7).

⁶ No original: “in evaluating Pesch’s work it must be born in mind that he is a pioneer.” (p.12).

⁷ Apesar de utilizarem a expressão *cristãos*, é claro nos seus textos que consideravam o projecto como eminentemente católico.

-la na formação dos militantes e quadros católicos (clero incluído), dando-lhes, por essa via, competências que lhes permitiriam vir a ter uma participação mais activa numa área considerada como relevante para a ‘moderna’ acção católica. O primeiro aspecto, *crítico*, é o relativamente mais conhecido, sendo visto muitas vezes apenas como mais uma manifestação da irredutível intransigência da Igreja face à modernidade (ver Bernard Laurent, 2007). Ora o segundo aspecto, muitas vezes ignorado, parece-me digno de registo, pois aponta indiscutivelmente para o facto de que os activistas católicos —não apenas os mais ‘liberais’ mas também os intransigentes, conservadores, ou com outras designações— reconheciam não só a existência e a importância da ciência económica, divulgando-a junto dos quadros e dos militantes católicos com o beneplácito da hierarquia da Igreja, mas também pretendiam participar *enquanto economistas* num debate doutrinal com os economistas *ortodoxos*.

A economia política cristã teve, assim, na sua origem uma dupla missão, uma vez que se destinava a alcançar uma dupla audiência: para os economistas, oferecia uma análise crítica dos princípios (filosóficos, antropológicos) da economia política clássica inglesa, chamando a atenção para o seu carácter de ciência necessariamente moral e política (Élie Blanc, Joseph Vialatoux); para os católicos (nomeadamente ao clero), oferecia uma conceptualização adequada (cristã) do relacionamento económico entre os homens, e explicava-lhes os ensinamentos que poderiam retirar da economia política, permitindo-lhes, por essa via, alcançar uma compreensão mais clara do funcionamento da ordem económica e desenvolver uma intervenção mais eficiente junto da sociedade do seu tempo.

É a preocupação com a formação intelectual dos quadros da Igreja que explica as características de uma grande parte da literatura produzida, seja a que analisa criticamente os problemas do sistema económico vigente (o liberal), seja a que, um pouco mais tarde, começa também a criticar as alternativas apresentadas pelos partidários de uma qualquer modalidade de um sistema socialista. É a preocupação com a afirmação de uma corrente alternativa de pensamento económico que está, obviamente, presente na elaboração de um número crescente de tratados e manuais de economia política e de economia social, tenham ou não a designação adicional de *cristã* ou *católica*.

3. Onde e quando surgiu

No que respeita à minha segunda questão, isto é, onde e quando surgiu a economia política cristã, os primeiros manuais de economia política que assumem uma orientação cristã ou católica explícita surgiram em França⁸, nos anos 1830, pela mão de Charles de Coux (1832) e de Alban de Villeneuve-Bargemont (1834). Dadas as características do projecto a que a economia política cristã dá corpo, percebe-se que possa socorrer-se de todo um conjunto de contributos prévios —desde as conhecidas críticas de Sismondi à economia política clássica até aos estudos sobre a situação económica e social inglesa (Maurice Rubichon), passando pelos mais variados ensaios sobre o fenómeno do pauperismo.

A originalidade destes dois autores decorre, portanto, em larga medida, da reivindicação explícita de uma abordagem católica da economia política. No caso de Villeneuve-Bargemont (1834), trata-se de uma tomada de posição de um administrador cristão que procura —em vão— na economia política uma solução para o pauperismo, mas que, ainda assim, publica as suas conclusões como um tratado de Economia política. No caso de Charles de Coux (1832), trata-se de um activista católico que se propõe *explicar* as doutrinas da Economia política clássica, *corrigindo-as* à luz dos preceitos católicos sempre que tal se mostrasse necessário.

4. Onde e como se desenvolveu

O desenvolvimento da economia política cristã —o terceiro aspecto que quero discutir aqui— decorreu destes dois trabalhos inaugurais, tendo o projecto de constituição de uma economia política cristã ganho visibilidade

⁸ A minha resposta a esta questão pode enfermar de uma limitação no acesso directo a algumas fontes, nomeadamente aos originais Alemães; ainda assim penso que essa limitação não distorce significativamente o quadro geral da questão específica que aqui abordo. Ao nível da economia política cristã, a eventual prioridade de um autor como Adam Müller é discutível, uma vez que a sua conversão ao catolicismo não foi assumida —nem era conhecida— na época em que escreveu sobre economia política (ver Misner, 1991, p.36). Outros autores normalmente referidos como precursores do catolicismo social Alemão (p. ex. Franz von Baader ou Franz von Buss) também são irrelevantes do ponto de vista da elaboração de uma economia política cristã, pois apenas escreveram esporadicamente sobre economia (veja-se Misner, 1991, p.47 e Briefs, 1951).

nas páginas do jornal *L'Université catholique*⁹, para o qual Charles de Coux contribuiu com um *Curso de Economia Social* e Villeneuve-Bargemont com uma *História da Economia Política*.

Embora significativo, este mecanismo de difusão não foi o mais importante. De facto, importa ter presente que, a partir de 1834, este projecto ganha um enquadramento institucional de relevo, pois Charles de Coux é convidado para inaugurar um curso de economia política na Universidade católica de Lovaina. E é precisamente aqui que encontramos uma âncora mais sólida e duradoura, uma vez que o magistério de Charles de Coux (1834-1845) tem continuidade e é desenvolvido ao longo do século dezanove —entre 1845 e 1881 por Charles Périn (aluno e sucessor), depois por Victor Brants (aluno e sucessor de Charles Périn), mais tarde por Maurice Defourny.

Esta linha de desenvolvimento foi, de certa forma, replicada à medida que outras escolas católicas (Institutos e Universidades) iam sendo criadas (ver Aigrain 1935), dando origem a um conjunto de *Manuais* de economia política ou de economia social, de dimensão variável, destinados ao ensino (Ferdinand Hervé-Bazin, Charles Antoine, Joseph Schrijvers, Charles S. Devas, F. Scaloni, Albert Muller, Giuseppe Toniolo, Heinrich Pesch, Valère Fallon). E, como consequência do alargamento do número de docentes católicos, acabaram por surgir revistas como a *Revue catholique des institutions et du droit* (1873), onde a abordagem de alguns temas da economia política também tinha lugar.

Uma segunda linha de desenvolvimento da economia política cristã surge publicamente um pouco mais tarde em Itália, agora nas páginas da *Civiltà Cattolica*. Neste periódico, criado em 1850 em estreita articulação com o Vaticano (ver Dante 1990, 2004), Luigi Taparelli d'Azeglio publica em 1856 uma série de artigos (*Le due economie*), sendo posteriormente secundado por Valentino Steccanella (1872-1874; 1879-1881), depois por Matteo Liberatore (1887-1891) e, mais tarde, por Angelo Brucculieri (Bianchini, 1996). É aqui, portanto, que emerge a abordagem mais claramente neo-tomista, abordagem essa que virá a

pautar as futuras Encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*.

Com o desenvolvimento das organizações católicas, verificou-se um fenómeno de alargamento de iniciativas no campo da economia política. Destaca-se, pela sua dimensão e visibilidade, a acção doutrinal levada a cabo por intermédio das *Semaines Sociales de France*, iniciadas em 1904, e cujo exemplo foi mais tarde reproduzido noutros países. Mas cumpre também notar o aparecimento gradual de um número crescente de manuais, de dimensão e profundidade variáveis, destinados à formação dos membros dos Círculos de Estudos, dos dirigentes de obras sociais, de seminaristas e de outros quadros dos movimentos católicos.

Ao longo do século dezanove verificou-se, portanto, uma crescente capacidade de intervenção católica na esfera da economia política, traduzida não apenas nos manuais e artigos de revista, mas também nos contributos que foram sendo dados em relação ao desenvolvimento de temas específicos — como sejam os temas do corporativismo, do justo salário, da legislação operária, ou ainda de outros aspectos particulares da ordem económica.

Assim, olhando para a literatura católica dos finais do século, é possível concluir que o projecto de formação de uma doutrina económica cristã, iniciado por Charles de Coux e Villeneuve-Bargemont, tinha sido bem-sucedido: a consideração das questões económicas fundamentais extravasava até para o campo dos *Manuais sociais* (Léon Dehon, 1894), dos *Catecismos Sociais* (Léon Dehon, 1898), e mesmo dos *Manuais de sociologia católica*¹⁰ (Belliot, 1911; Poey, 1914).

5. Quais os seus grandes temas característicos

O quarto ponto da minha apresentação de hoje prende-se com os temas característicos da economia política cristã. Por força de um processo normal de aprendizagem e de con-

⁹ Neste jornal, criado em 1836 por Olympe Philippe Gerbet, virá a colaborar também Louis Rousseau, autor de um *Curso de Economia Social* que foi sendo publicado entre 1840 e 1842.

¹⁰ Esta entrada explícita dos católicos no campo da Sociologia, reproduz em grande medida o que se passara anteriormente no campo da economia política. Agora, essa entrada teve lugar com uma pequena diferença temporal em relação à institucionalização académica da sociologia (*Durkheim, Bordeaux, 1895; Albion Small, Chicago, 1892; Max Weber, Munich, 1919*). A sociologia católica teve uma expressão significativa nos E.U.A. entre 1938 e 1960 (ver Kivisto, 1989).

solidação doutrinal, há, como aliás seria de esperar, ao longo do tempo, uma evolução das preocupações e dos temas característicos. Numa primeira fase, verifica-se uma preocupação evidente com a tentativa de demonstrar a importância civilizacional do cristianismo para a criação de riqueza e para o progresso e paz sociais. A este respeito, alinham-se argumentos destinados a chamar a atenção para o facto de que o cristianismo não é, de forma alguma, *contra* a riqueza e tenta-se igualmente demonstrar que os seus valores, sempre que seguidos, foram um importante estímulo para o progresso moral e *material* da humanidade. Coux vai mesmo mais longe, referindo, por exemplo, que o tão criticado celibato dos padres católicos acaba por se revelar um princípio que a economia política subscreve ao defender, na esteira de Malthus, que os pobres se mantenham celibatários de forma a evitar os excessos de população (1832, 48-49).

Um segundo conjunto de preocupações diz respeito aos problemas associados à chamada Questão Social. O primeiro tema que surge a este propósito é o da *dignidade* da pessoa humana, chamando-se nomeadamente a atenção para a perversão em que alguns economistas incorrem quando aparentam considerar a riqueza como um *fim* e o homem como um *meio*. Entroncam aqui as preocupações posteriores, quer com o trabalho das mulheres e das crianças nas fábricas (destacando-se a importância da família), quer com a legislação laboral (horas de trabalho, condições de higiene e segurança), quer com o estabelecimento de esquemas de assistência e previdência (destinados a garantir a dignidade na doença e na velhice), quer ainda com a necessidade de promover o desenvolvimento de habitações operárias modestas, mas ainda assim dignas. E, naturalmente, entroncam aqui também as reflexões sobre o salário justo e sobre o salário familiar.

Uma vez colocadas num contexto mais geral de uma reflexão sobre a ordem económica das sociedades humanas, estas reflexões dão origem a um terceiro conjunto de preocupações, orientadas agora para a defesa de uma organização hierárquica, pautada por laços de solidariedade e pelo respeito dos deveres mútuos que existem entre os seus membros, tendo por objectivo assegurar o bem comum. O

bom funcionamento de uma tal ordem exigia que os ricos cumprissem as responsabilidades associadas à propriedade privada (caridade, solidariedade, eventualmente a prática da renúncia cristã, diria Charles Périn), e que interiorizassem que os contratos que estabeleciam livremente no mercado não esgotavam de forma alguma as suas responsabilidades perante os trabalhadores.

Quanto a estes últimos, os pobres, impunha-se também que percebessem e cumprissem igualmente as suas responsabilidades, seja no plano do seu comportamento pessoal (poupados, moderados) seja nomeadamente no plano do trabalho que se comprometiam a prestar aos seus empregadores (deviam ser honestos no relacionamento, fiéis no cumprimento do contratado, empenhados na execução das suas tarefas). Quer uns quer outros, deviam, pois, procurar o entendimento e a sã convivência, nomeadamente através de formas de organização das relações entre o capital e o trabalho que os aproximassem em vez de os afastar. Entronca aqui naturalmente a reflexão católica sobre as obras de beneficência, mas também — e cada vez mais — a reflexão sobre os sindicatos, as cooperativas, e as corporações.

Finalmente, dentro desta reflexão sobre a ordem económica, vai ganhando gradualmente destaque a reflexão sobre as responsabilidades que também incumbem ao Estado — seja enquanto garante do bem comum, seja enquanto guardião da justiça social.

6. Quais as suas polémicas e divisões internas

Abordando agora as principais polémicas e divisões internas, é também precisamente ao nível da reflexão sobre o papel que caberia ao Estado na ordem económica ideal que vão surgir as principais discordâncias entre economistas cristãos. De acordo com os próprios economistas católicos, existiam nos finais do século dezanove duas grandes escolas ou tendências: Reformadores e Conservadores, Autoridade ou Liberdade, os que se reuniam em Liège com o patrocínio de Mgr. Doutreloux ou os que se reuniam em Angers sob os auspícios de Mgr. Freppel. (Ver Esquema 1).

ESQUEMA 1

Charles ANTOINE, <i>Cours d'Économie Sociale</i> , Félix Alcan, Paris, 1921 (révisée par Henri du PASSAGE) Joseph SCHRIJVERS, <i>Manuel d'Économie Politique</i> , Jules de Meester, Roulers, 1907					
Escolas de pensamento católico	Princípios Estratégicos	Pontos de conflito	Grupos, Associações e Imprensa	Lemas	
Angers Groupe des Conservateurs École de la Liberté	<i>L'état n'est pas le défenseur du faible, il est le défenseur du droit</i> L'action de l'Église secondée par la liberté individuelle et corporative Les devoirs du patron ne correspondent pas à des droits de l'ouvrier (charité ≠ obligation de justice) D'avantage charité Reformer les patrons et les ouvriers individuellement par petits groupes ou par usines	1° La fin et le rôle de l'État 2° La réforme sociale 3° Les conclusions pratiques	Unions de la Paix Sociale La Réforme Sociale Association des Patrons du Nord Conférences d'Études Sociales de Notre-Dame-du-Haut-Mont Société Catholique d'Économie Politique Revue Catholique des Institutions et du Droit	Charité Liberté Patronage Corporation libre — / — <i>Mesures de longue échéance et indirectes</i> “Dévouement et Liberté”	
Liège Groupe des Réformateurs École de L'autorité	Que l'État se fasse, à titre tout particulier, la providence des travailleurs <i>Outre l'accord entre patrons et ouvriers, la législation sociale est nécessaire</i> (Régler les sociétés anonymes, dimanche, minimum de salaire, journée maximale, assurances, travail de nuit pour femmes et enfants, logement, corporation <i>obligatoire</i> pour la petite industrie) D'avantage justice sociale Reformer le monde du travail		Association Catholique de la Jeunesse Française Œuvre des Cercles Chronique Sociale de France L'Action Populaire Rivista Internazionale Rassegna Nazionale Rassegna Sociale Stimmen aus Maria-Laach Conservateurs féodaux (ou chrétiens unis) Démocratie chrétienne Civiltà Cattolica	Charité + Justice Bien commun Intervention modérée, progressive de l'État Corporations — / — <i>Mesures directes, urgentes, atteignant le fond de l'ordre économique</i> “Protéger les faibles, Diriger les forts”	

7. Quando —como e porquê— foi abandonada enquanto projecto disciplinar

O sexto e último elemento que gostaria de abordar prende-se com o abandono da economia política cristã. A orientação que aparentemente acaba por ser consagrada pela Encíclica *Quadragesimo Anno*, aponta no sentido de que a economia política cristã passasse a oferecer explicitamente uma proposta de um sistema económico próprio, conforme aos ideais cristãos (uma ‘terceira via’, distinta quer da via liberal quer da socialista). Foi, pelo menos, essa a interpretação dos reformadores da escola de Liège, interpretação que parece ser também confirmada pela própria evolução da literatura económica católica posterior a 1931.

Ora essa aposta revelou-se como um dos factores que contribuíram para o declínio acentuado da economia política cristã nos finais da segunda Grande Guerra. Por um lado, porque as experiências corporativas, ainda que não traduzindo correctamente a terceira via que vinha sendo proposta pelos economistas cristãos e apoiada pela Encíclica *Quadragesimo Anno*, desaconselhavam claramente a continuação da defesa da temática corporativa. Por outro lado, porque a própria economia política perdia cada vez mais espaço em relação à nova Ciência Económica — isto é, as visões doutrinárias eram cada vez mais empurradas para o exterior do campo científico. Assim, uma abordagem que fazia todo o sentido ao longo do século dezanove, numa altura em que a economia política era quase toda ela permeada por escolhas doutrinárias, transformava-se agora cada vez mais num *anacronismo*.

Da conjugação destas e de outras razões —onde se pode incluir o surto de desenvolvimento económico verificado no pós-guerra, mas também a própria transformação da Igreja (ver Bernard Laurent e J.-Y. Calvez)— resultou uma mudança de estratégia. Seguindo, de certa forma, o espírito *disciplinar* da época, um autor como Achille Dauphin-Meunier (1950, 10) dá um primeiro passo no sentido de dar um novo significado aos esforços de construção de uma economia política cristã. Para tal, explica que, apesar de ser correcto dizer que “a Igreja católica tem uma doutrina económica”, doutrina essa que se encontra “exposta desde logo nas encíclicas, discursos e mensagens pontificais, [sendo] retomada, comentada e explicitada nos trabalhos realizados com o patrocínio ou com o acordo da Hierarquia, nomeadamente nos documentos da União de Friburgo e da União Inter-

nacional de Estudos Sociais (de Malines), nas actas das Semanas Sociais de França e de Itália, e nas publicações da Acção Popular”, tal não significa que a Igreja católica tenha uma qualquer teoria económica. Mais ainda, Dauphin-Meunier reconhece que a doutrina económica da Igreja “não é inspirada pelo desejo de apresentar e impor um sistema momentaneamente oponível aos de outras escolas” (1950, 11), reconhecendo igualmente que os economistas conseguiram alcançar sucessos extraordinários na aplicação prática da sua ciência “autónoma, com o seu próprio vocabulário e os seus meios de investigação próprios” (1950, 12).

Um segundo —e importante— conjunto de passos no mesmo sentido pode ser exemplificado através do trabalho de J.-Y. Calvez e J. Perrin (1959). Desde logo, há um conjunto de esclarecimentos importantes sobre o teor dos ensinamentos sociais da Igreja — estabelecendo-os num plano distinto das simples visões filosóficas do mundo, desligando-os da “resolução dos problemas técnicos da gestão das sociedades”, e afirmando claramente que esses ensinamentos não dispensam consequentemente nem “a economia política, nem a análise económica concreta, nem a teoria económica” (1950, 11). Nesta ordem de ideias, estes autores concluíam então que o programa social da Igreja, a sua “análise cristã da sociedade” não era, portanto, confundível com “um programa de um manual de economia política ou de sociologia” (1959, 14).

Poucas páginas mais para adiante consumava-se cuidadosamente a ruptura com o projecto da economia política cristã. Primeiro, deixando claro que a doutrina social da Igreja (*‘doctrina de re sociali et æconomica’*) não era a mesma coisa que a ciência social católica (*‘disciplina socialis catholica’*), uma vez que esta última era o fruto das investigações, *necessariamente contingentes*, que eram levadas a cabo pelos católicos no campo da sociologia e da economia (1959, 19). Depois, afirmando que a doutrina social da Igreja não era “nem uma doutrina económica, nem ciência económica” (1959, 21) mas sim uma simples “tomada de posição no debate histórico que foi engendrado no plano social pela civilização industrial e o capitalismo moderno” (1959, 23) — ou, ainda de uma forma mais peremptória, afirmando que Pio XI “não pretende de forma alguma obliterar a distinção entre ciência económica e moral, nem sequer negar a especificidade do objecto da economia.” (1959, 39).

Estabeleciam-se, assim, os termos de uma nova relação da Igreja com as ciências sociais em geral, e afirmava-se, também, a sua autoridade e a sua competência específica no plano da elaboração de uma Doutrina Social, radicalmente distinta das ideologias (liberalismo, socialismo) porque colocada num outro plano. E, ao mesmo tempo, afastava-se também essa doutrina de qualquer pretensão de intervir *directamente* — e num mesmo pé de *igualdade* — com a actividade científica.

Naturalmente que os economistas (e os restantes cientistas) poderiam optar por continuar a acolher as indicações fornecidas pela Doutrina Social da Igreja. Naturalmente que poderiam continuar a existir economistas que se intitulassem católicos. Mas esse adjectivo deixaria de ser aplicado à ciência económica em si mesma.

8. Conclusões

Resumindo o trajecto que aqui procurei abordar, destaco alguns aspectos que me parecem de particular importância. Houve, por parte de uma elite católica (*activistas*), a tentativa de participar no domínio disciplinar da economia política, criando, para o efeito, uma escola de pensamento económico. Essa elite esteve sistematicamente ligada, de acordo com várias modalidades, com movimentos católicos e a instituições católicas patrocinadas pela hierarquia da Igreja - L'Avenir, 'Católicos Sociais', Œuvre des Cercles, Universidades católicas etc..

A Santa Sé não esteve alheia a este movimento: Pio IX e Leão XIII colocaram em andamento a preparação da Igreja na área das ciências sociais e, nomeadamente, da economia política (neo-tomismo): Pio IX — *Civiltà Cattolica* (1850); Leão XIII — *Aeterni Patris* (1879); *A Rerum novarum* dá a linha de orientação a prosseguir no campo da economia.

Verificou-se, portanto, um movimento de cristianização e de participação no campo das ciências sociais e humanas, que se estendeu à Sociologia a partir do momento em que esta se começou a afirmar como uma disciplina académica. A Igreja marcou presença nessa nova disciplina, nela incorporando a sua mensagem — e uma parte, condensada, da mensagem da economia política cristã.

Esse movimento esteve, quase sempre, marcado por uma divisão entre economistas

católicos: uns mais próximos dos liberais, outros mais próximos do socialismo. Essas divisões mantêm-se quando a escola corporativa se sente autorizada pela Encíclica *Quadragesimo Anno* e passa a enfatizar, cada vez mais, a possibilidade de um sistema económico próprio, cristão (uma *ordem* económica cristã).

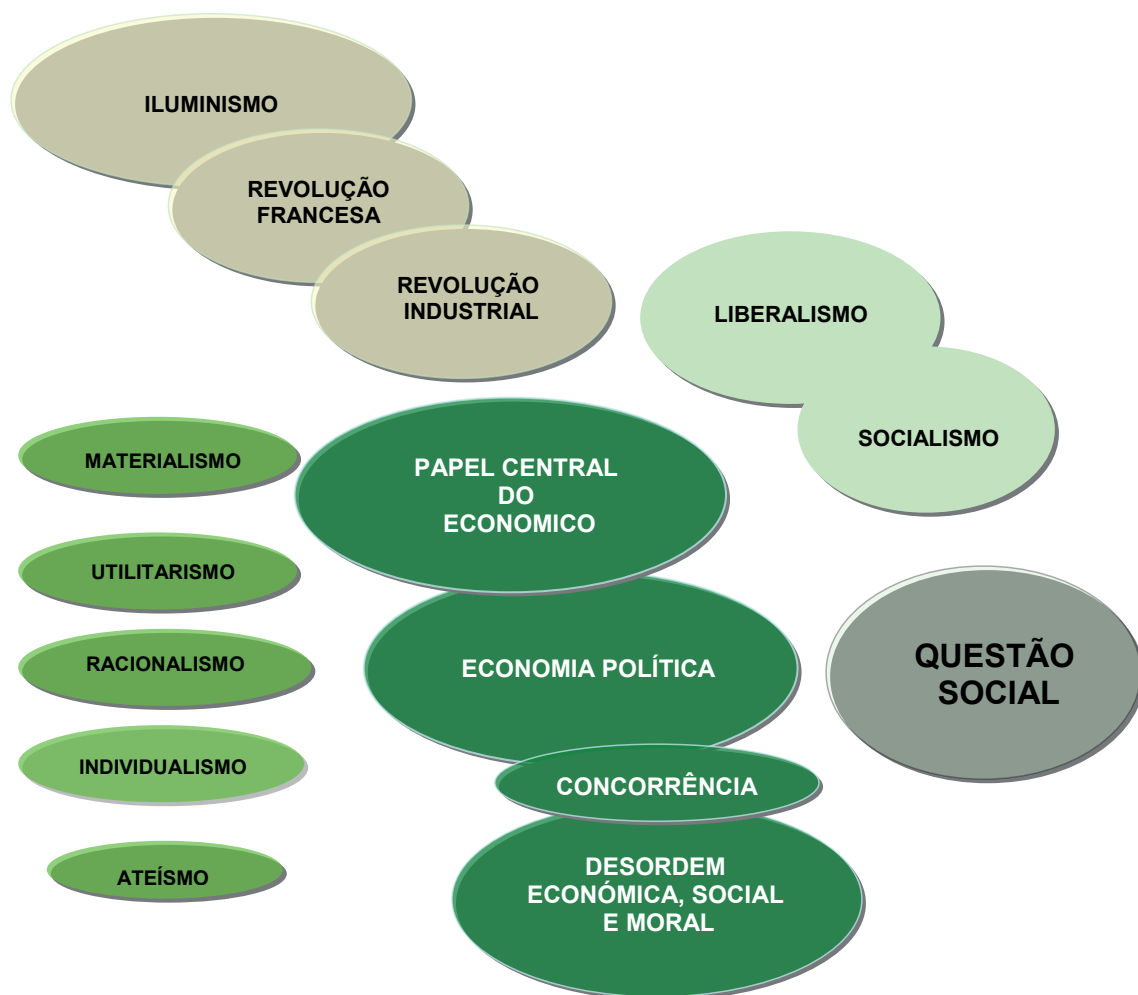
Houve, finalmente, um distanciamento — ou um reposicionamento — da Igreja em relação às ciências sociais, com uma nova atribuição de esferas de competência, o que acarretou, também, uma demarcação mais clara da Igreja em relação aos “adjutores Ecclesiae” (J.-Y. Calvez, 1953). Esse distanciamento foi mais rápido e mais claro em relação às ciências sociais mais ‘duras’ como é o caso da Economia, e foi mais lento em relação a outras ciências sociais, como é o caso da Sociologia. Mantém-se, naturalmente, ainda hoje, uma perspectiva católica sobre as questões económicas e sociais, que se expressa de várias formas. *Mas o projecto da economia política cristã, em si mesmo, terminou — ficaram apenas os economistas católicos ou cristãos.*

ANEXOS

1. Algumas obras

- 1832 Charles de Coux (1832). Essais d'économie politique. A Paris, Aux Bureaux de l'Agence générale pour la défense de la liberté religieuse, A Lyon, chez Sauvignnet et Cie.
- 1834 Alban de Villeneuve-Bargemont (1834). Economie politique chrétienne: ou recherches sur la nature et les causes du paupérisme, en France et en Europe, et sur les moyens de le soulager et de le prévenir. Paulin, Libraire-éditeur, Paris.
- 1836 Charles de Coux (1836-1840). Cours d'économie sociale. L'Université catholique, recueil religieux, philosophique, scientifique et littéraire. Paris.
- 1839 Alban de Villeneuve-Bargemont (1839). Histoire de L'économie politique. Brussels: La Société Nationale, Etc., Gérant, M. Ch.-J. De Mat.
- 1840 Louis Rousseau (1840-1842). Cours d'économie sociale. L'Université catholique, recueil religieux, philosophique, scientifique et littéraire. Paris.
- 1844 Charles de Coux (1844-45). Cours d'économie politique. (Manuscrito inédito, citado por J.-B. Duroselle —desaparecido da Bibliothèque du Patrimoine— Université Catholique de Lille)

- 1849 Charles Périn (1849). *Les Economistes, les Socialistes, et le Christianisme*. Paris: J. Lecoffre.
- 1856 Luigi Taparelli D'Azeleglio (1856). *Le due economie*. «La Civiltà Cattolica», 1856
- 1861 Charles Périn (1861). *De la richesse dans les sociétés chrétiennes*. Paris & Lyon.
- 1875 Charles Périn (1875). *Les lois de la société chrétienne*. Paris & Lyon, 2 vols.
- 1880 Charles Périn (1880). *les doctrines économiques depuis un siècle*. Paris, Lecoffre.
- 1880 Ferdinand Hervé Bazin (1880). *Notions d'économie politique*. Lecoffre, Paris.
- 1880 Ferdinand Hervé Bazin (1880). *Traité élémentaire d'économie politique, contenant les principes généraux, l'étude de la législation économique et les statistiques officielles*. Lecoffre, Paris.
- 1881 Victor Brants (1881). *L'économie sociale au moyen âge*. Peeters, Louvain.
- 1883 Victor Brants (1883). *Lois et méthode de l'économie politique. Précis des leçons d'introduction au Cours d'Économie Politique*. Peeters & H. Champion, Louvain & Paris.
- 1883 Charles S. Devas (1883). *Groundwork of Economics*. Longmans, London.
- 1883 Victor Brants (1883-87). *Précis des leçons d'économie politique* (3 volumes) Peeters & Lecoffre.
- 1887 Abbé Camille Rambaud (1887). *Économie sociale et politique ou science de la vie*. Lecoffre et Vitte & Perrussel, Paris et Lyon.
- 1889 Matteo Liberatore (1889). *Principii di Economia Politica*. A. Befani, Roma.
- 1891 LEO XIII – RERUM NOVARUM**
- 1892 Charles S. Devas (1892). *Political Economy*. (Manuals of Catholic Philosophy), Longmans, London.
- 1895 Victor Brants (1895). *L'économie politique au Moyen Age. Esquisse des théories économiques professées par les écrivains des XIIIe et XIVe siècles*. Burt Franklin, New York, 1970 (1895)
- 1896 Charles Antoine SJ (1896). *Cours d'économie sociale*. Félix Alcan, Paris.
- 1896 Charles Périn (1896). *Premiers principes d'économie politique*. Victor Lecoffre, Paris.
- 1898 Léon Dehon (1898). *Catéchisme Social*. Bloud et Barral, Paris
- 1899 Abbé Paul Naudet (1899). *Premiers principes de sociologie catholique*. Bloud et Barral, Paris.
- 1902 Abbé F. Scaloni (1902). *Capital et travail. Manuel populaire d'économie sociale*. École professionnelle St Jean Brechmans, Liège.
- 1904 Victor Brants (1904). *Les grandes lignes de l'économie politique*. Louvain & Paris.
- 1905 Giuseppe Toniolo (1905). *Trattato di economia sociale*. Firenze.
- 1905 Heinrich Pesch SJ (1905-26). *Lehrbuch der nationalökonomie Teaching Guide to Economics* (5 volumes).
- 1906 Joseph Schrijvers, C.S.S.R. (1906). *Manuel d'Économie Politique*. Chez Jules de Meester, Roulers.
- 1911 R.P. Albéric Belliot (1911). *Manuel de sociologie catholique. Histoire, théorie, pratique*. P. Lethielleux, Paris
- 1913 E. J. Burke SJ (1913). *Political Economy. Designed for use in Catholic Colleges, High Schools and Academies*. American Book Company, New York
- 1914 Chanoine P. Poey (1914). *Manuel de sociologie catholique: d'après les documents pontificaux, à l'usage des séminaires et des cercles d'études*. Gabriel Beauchesne, Paris.
- 1918 Heinrich Pesch SJ. (1918). *Ethik und volkswirtschaft. Ethics and the National Economy*
- 1921 Charles Antoine SJ (1921). *Cours d'économie sociale*. Sixième édition revue et mise à jour par Henri du Passage SJ. Félix Alcan, Paris.
- 1924 Valère Fallon SJ (1924). *Principes d'économie sociale*. Ad. Wesmael-Charlier, Namur.
- 1928 Albert Muller SJ (1928-34). *Notes d'économie politique* (2 volumes). Spes Paris.
- 1931 PIUS XI – QUADRAGESIMO ANNO**
- 1936 Oswald Von Nell-Breuning, S.J. (1936). *Reorganization of Social Economy. The Social Encyclical Developed and Explained*. The Bruce Publishing Company, New York / Milwaukee / Chicago
- 1936 R. Boigelot (1936). *L'Église et le monde moderne. Capitalisme, Socialisme. Réforme du Régime*. Casterman, Paris.
- 1937 R.-G. Renard (1937). *L'église et la question sociale*. Éditions du Cerf, Paris
- 1932 G.-C. Rutten (1932). *La Doctrine Sociale De L'Eglise Résumée Dans Les Encycliques*. Les Editions Du Cerf, Paris.
- 1938 Georges Jarlot S.J. (1938). *Le régime corporatif et les catholiques sociaux. Histoire d'une doctrine*. Flammarion, Paris.
- 1944 Robert Kothén (1944). *Les théories économiques contemporaines*. Em. Warny, Louvain.
- 1948 Robert Kothén (1949). *L'enseignement social de l'Église*. Em. Warny, Louvain.
- 1953 Jean Villain S.J. (1953). *L'enseignement social de l'église*. SPES, Paris. (2 volumes)
- 1959 Jean-Yves Calvez et Jacques Perrin (1959). *Église et société économique. L'enseignement social des Papes de Léon XIII à Pie XII*. Aubier, Paris

ESQUEMA 2

Centralidade da Economia política

Referências bibliográficas

- Aigrain, René. 1935. *Les universités catholiques*. Paris, Auguste Picard.
- Antoine, Charles. 1896. *Cours d'économie sociale*. Paris, Félix Alcan.
- Barrera, Albino O.P. 2001. *Modern Catholic Social Documents and Political Economy*. Washington, Georgetown University Press.
- Bateman Bradley, H. Spencer Banzhaf. 2009. Keeping Faith, Losing Faith: Religious Belief and Political Economy. *History of Political Economy*, (40), 5, Annual volume, Durham, Duke University Press.
- Bianchini, Marco. 1996. La 'Civiltà Cattolica' e il carattere ético dell'economia politica. In Massimo Augello, Marco Bianchini, e Marco Guidi (Eds.) *Le riviste di economia in Italia (1700-1900). Dai giornali scientifico-letterari ai periodici specialistici*. Milano, Franco Angeli.
- Blanc, Abbé Elie. 1894. *Y a-t-il une Économie Politique Chrétienne et quels sont ses principes?* Lyon et Paris, Emmanuel Vitte & Jules Vic et Amat.
- Brants, Victor. 1881. *L'économie sociale au moyen âge*. Peeters, Louvain.
- Brants, Victor. 1883. *Lois et Méthode de l'économie politique. Précis des leçons d'introduction au cours d'économie politique*. Louvain et Paris, Ch. Peeters & H. Champion.

- Brants, Victor. 1883-87. *Précis des leçons d'économie politique (3 volumes)*. Louvain & Paris, Peeters & Lecoffre.
- Brants, Victor. 1901. *Les grandes lignes de l'économie politique*. Louvain & Paris & Leipzig, Ch. Peeters & Victor Lecoffre & Otto Harrasowitz.
- Briefs, Goetz. 1951. Pesch and his Contemporaries: Nationalökonomie vs. Contemporary Economic Theories. *Social Order*, April 1951 (reprinted in *Review of Social Economy*, 1983, (41): 3, 235-245).
- Burke, E. J. 1913. *Political Economy. Designed for Use in Catholic Colleges, High Schools and Academies*. New York, Cincinnati and Chicago, American Book Company.
- Calvez, Jean-Yves. 1989. *L'économie, l'homme, la société: L'enseignement social de l'Eglise*. Paris, Desclée de Brouwer.
- Calvez, Jean-Yves. 1992. Il problema dei sistemi economici nella dottrina sociale della chiesa. In Utz, Athur F. (ed.) *Dottrina sociale della chiesa e ordine economico*. Edizione Dehoniane, Bologna.
- Calvez, Jean-Yves, 1999. *L'Église et l'économie. La doctrine sociale de l'Église*. L'Harmattan, Paris.
- Calvez, Jean-Yves et Perrin, Jacques. 1959. *Église et société économique. L'enseignement social des Papes de Léon XIII à Pie XII*. Paris, Aubier
- Conselho Pontificio «Justiça e Paz». 2005. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São João do Estoril, Principia.
- Coux, Charles de. 1832. *Essais d'économie politique*. Paris, Aux Bureaux de l'Agence générale pour la défense de la liberté religieuse; Lyon, Sauvignnet et Cie.
- Dante, Francesco. 1990. *Storia della Civiltà Cattolica (1850-1891). Il laboratorio del Papa*. Edizioni Studium, Roma.
- Dante, Francesco. 2004. "La Civiltà Cattolica" e la "Rerum Novarum". *Cattolici intransigenti nell'Europa del XIX secolo*. Edizioni Unicopli, Milano.
- Dauphin-Meunier, A. 1950. *La doctrine économique de l'église*. Paris, Nouvelles Éditions Latines.
- De Rosa, Gabriele. 2004. *I tempi della «Rerum Novarum»*. Rubbettino/Istituto Luigi Sturzo, Roma.
- Defourny, Maurice. 1908. *Les Congrès Catholiques en Belgique*. Institut Supérieur de Philosophie, Louvain.
- Durand, Jean-Dominique. 2006. *Les Semaines Sociales de France (1904-2004)*. Éditions Parole et Silence.
- Duroselle, J.B. 1951. *Les débuts du catholicisme social en France (1822-1870)*. Paris, PUF.
- Duthoit, Eugène. 1932. *L'Économie au service de l'homme*. Paris, Flammarion.
- Eblé, Maurice. 1905. *Les Écoles catholiques d'économie politique et sociale en France*. Paris, V. Giard et E. Brière.
- Elbow, Matthew. 1966. *French Corporative Theory, 1789-1948. A Chapter in the History of Ideas*. New York, Octagon Books.
- Fallding, Harold. 1984. How Christian Can Sociology Be? *The Canadian Journal of Sociology / Cahiers canadiens de sociologie*, (9): 1 (Winter, 1984), 1-19
- Fallon, Valère. 1924. *Principes d'économie sociale*. Namur, Ad. Wesmael-Charlier.
- Fèvre, Justin. 1903. *Charles Périn créateur de l'Économie politique chrétienne*. Paris, Arthur Savaète Editeur.
- Garriguet, Louis. 1909. *Question Sociale et Écoles Sociales*. Paris, Librairie Bloud et Cie.
- Gaspieri, Alcides de (1948). *El tiempo y los hombres que prepararan la 'Rerum Novarum'*. Editorial Difusión S.A. Buenos Aires.
- Gearty, Patrick W. 1953. *The Economic Thought of Monsignor John A. Ryan. A Dissertation Submitted to the School of Social Science of the Catholic University of America in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy*. Washington, The Catholic University of America Press.
- Harris, Abram L. 1946. The Scholastic Revival: The Economics of Heinrich Pesch. *The Journal of Political Economy*. (54): 1, 38-59.
- Hervé-Bazin, François (1880). *Notions d'économie politique*. Paris, Lecoffre.
- Hobgood, Mary E. 1991. *Catholic Social Teaching and Economic Theory. Paradigms in Conflict*. Philadelphia, Temple University Press.
- Holland, Joe. 2003. *Modern Catholic Social Teaching. The Popes Confront the Industrial Age 1740-1958*. New York/Mahwah, Paulist Press.
- Kalaydjian, Albert e Portelli, Hugues (eds.). 1988. *Les démocrates-chrétiens et l'économie sociale de marché*. Economica, Paris.
- Kerins, Joseph and Doerr, Herman (1952). Sociology in the Major Seminary. *The American Catholic Sociological Review* (13): 1 (Mar., 1952), 25-38

- Kivisto, Peter. 1989. The Brief Career of Catholic Sociology. *Sociological Analysis*, (50): 4, Fiftieth Anniversary Special Issue. (Winter), 351-361.
- Laurent, Bernard. 2007. Catholicism and Liberalism: Two ideologies in Confrontation. *Theological Studies* (68), 808-838
- Laurent, Bernard. 2007. *L'Enseignement social de l'Église et l'économie de marché*. Parole et Silence, Les Plans.
- Liberatore, Matteo. 1894. *Principes d'économie politique*. Paris et Potiers, Librairie Religieuse H. Oudin.
- Lyon, David. 1983. The Idea of a Christian Sociology: Some Historical Precedents and Current Concerns. *Sociological Analysis*, (44): 3 (Autumn), 227-242
- Martínez, Pedro Soares. 2010. *Economia Política*. 11ª edição, revista e actualizada. Coimbra, Almedina.
- Mayeur, Jean-Marie. 1986. *Catholicisme social et démocratie chrétienne. Principes romains, expériences françaises*, Éditions du Cerf, Paris.
- McGoldrick, Terence. 1998. Episcopal Conferences Worldwide on Catholic Social Teaching. *Theological Studies* (59), 22-50.
- Megret, Jean et Pierre Badin. 1948. *Anthologie du catholicisme social en France*. De Villeneuve-Bargemont a Eugene Duthoit.
- Misner, Paul. 1991. *Social Catholicism in Europe. From the Onset of Industrialization to the First World War*. Darton, Longman and Todd, London.
- Moon, Parker Thomas. 1921. *The Labor Problem and the Social Catholic Movement in France. A Study in the History of Social Politics*. New York, The Macmillan Company.
- Mulcahy, Richard E. 1952. *The Economics of Heinrich Pesch*. New York, Holt.
- Naudet, Jean-Yves. 2000. Les économistes catholiques au XIX siècle. *La Revue Liberté Politique*, 14.
- Périn, Charles. 1849. *Les Economistes, les Socialistes, et le Christianisme*. Paris, J. Lecoffre.
- Périn, Charles. 1868. *De la richesse dans les sociétés chrétiennes*. Seconde édition, revue et corrigée. 2 Vols. Paris & Lyon (première édition: 1861).
- Périn, Charles. 1875. *Les lois de la société chrétienne* (2 Vols.). Paris & Lyon.
- Périn, Charles. 1880. *Les doctrines économiques depuis un siècle*. Paris, Lecoffre.
- Périn, Charles. 1886. *Le Patron. Sa fonction, ses devoirs, ses responsabilités*, Paris, Victor Lecoffre.
- Périn, Charles. 1895. *Premiers principes d'Économie Politique* (2 Vols.). Paris, Victor Lecoffre.
- Pesch, Heinrich. 2002-2003. *Lehrbuch der nationalökonomie / Teaching Guide to Economics* (5 volumes), Rupert Ederer (Ed.), Lewiston, The Edwin Mellen Press. (First edition: 1905-26)
- Pesch, Heinrich. 2004. *Ethics and the National Economy*. Norfolk, IHS Press (First edition: 1918).
- Ring, Mary Ignatius. 1935. *Villeneuve-Bargemont. Precursor of Modern Social Catholicism*. Milwaukee, The Bruce Publishing Company.
- Taparelli d'Azeglio, Luigi. 1943. *Essai sur les principes philosophiques de l'économie politique*. Recueil d'articles publiés dans la Civiltà Cattolica de 1856 à 1862. Traduction française inédite, avec Introduction, Bibliographie et Notes par Robert Jacquin. Paris, P. Lethielleux Libraire-éditeur.
- Teixeira, Pedro & Almodovar, António. 2005. Toute la lumière sur l'effroyable science: le marché dans la pensée catholique sociale et économique (1891-1931), in Bensimon, Guy (Ed.) *Histoire des représentations du marché*. Paris, Michel Houdiard Éditeur.
- Teixeira, Pedro & Almodovar, António. 2008. Catholic economic thought, In *The New Palgrave Dictionary of Economics*. Second Edition. Eds. Steven N. Durlauf and Lawrence E. Blume, Palgrave Macmillan.
- Théry, Adolphe. 1911. *Un précurseur du catholicisme social. Le Vicomte de Villeneuve-Bargemont*. Paris, Imprimerie A. Taffin-Lefort.
- Toniolo, Giuseppe. 1905. *Trattato di economia sociale*. Firenze.
- Utz, Arthur F. (ed.) 1992. *Dottrina sociale della chiesa e ordine económico*. Edizioni Dehoniane, Bologna.
- Vialatoux, Joseph. 1932. *Philosophie économique. Études critiques sur le naturalisme*. Paris, Desclée de Brouwer.
- Villeneuve-Bargemont, Alban de. 1834. *Economie politique chrétienne: ou recherches sur la nature et les causes du paupérisme, en France et en Europe, et sur les moyens de le soulager et de le prévenir*. Paris, Paulin, Libraire-éditeur.
- Villeneuve-Bargemont, Alban de. 1839. *Histoire de L'économie politique*. Bruxelles, La Société Nationale.
- Viner, Jacob 1978. *Religious Thought and Economic Society. Four chapters of an unfinished work*. Durham, Duke University Press.

- Waterman, A.M.C. 1991. *Revolution, Economics & Religion. Christian Political Economy 1798-1833*. Cambridge, Cambridge University Press,.
- Waterman, A.M.C. 2004. *Political Economy and Christian Theology since the Enlightenment*. Basingstoke, Palgrave Macmillan.
- Weil, Georges. 1909. *Histoire du catholicisme libéral en France 1828-1908*. Ressources, Paris-Genève, 1979.
- Wilson, Rodney 1997. *Economics, Ethics and Religion. Jewish, Christian and Muslim Economic Thought*. London, Macmillan Press.